



Discutindo-se sobre As Revoluções Africanas – modernização, internacionalização e lutas anticoloniais.

Resenha de VISENTINI, Paulo Fagundes. *As revoluções africanas – Angola, Moçambique e Etiópia*. (Direção da coleção Emilia Viotti da Costa) São Paulo, SP: Ed. Unesp, 2012. 182 p.

Gustavo de Andrade Durão

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada - UFRJ

Acredito ser esse volume da coleção Revoluções do Século XX, o que mais se destaca pelo projeto pretensioso de fazer uma análise de três processos revolucionários de três países diferentes. A coleção trabalha com os movimentos de esquerda, e de centro que atuaram nas movimentações revolucionárias em vários pontos do globo ao longo do século XX.

A pesquisa do presente livro é fruto das pesquisas do Professor Dr. Paulo Visentini no projeto de pesquisas das *Parcerias Estratégicas do Brasil*, em conjunto com o financiamento do CNPq na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), resultado de uma ampla pesquisa que envolveu vários pesquisadores de graduação e africanistas especializados no tema.

A hipótese apontada pelo livro é muito interessante, pois quer mostrar que os processos revolucionários de Angola, Moçambique e Etiópia foram incentivados pelo ideal marxista. Uma reflexão importante em tempos de crises do capitalismo e de indefinições do mercado internacional é pensarmos que o autor está trazendo uma reflexão sobre como o marxismo-leninismo, procuravam pôr em relevo a importância deste eixo ideológico para a construção dos Estados em África.

Outro ponto importante levantado por Visentini é lembrar que mesmo que muitos países não contassem com o apoio direto dos governos socialistas em 1960 e 1970, buscava-se a utilização do ideal marxista na formação dos governos recém-formados.¹

¹ Pg. 26 e 27.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Vale notar que apesar de ser claramente destinado ao campo de relações internacionais, o livro “As Revoluções Africanas” aborda elementos históricos, econômicos e geopolíticos que auxiliam alunos, professores e estudantes de pós-graduação a um contato mais direto com a realidade africana.

Para aqueles que não tiveram contato com os processos de independência que ocorreram nos países africanos como Angola, Moçambique e Etiópia, o livro de Paulo Visentini demonstra os elementos que influenciaram e mesmo motivaram as transformações sócio-políticas que foram suficientes para abalar o equilíbrio das estruturas das grandes potências na Guerra-Fria.

A obra aborda o conceito de *revolução*, mas oferece no seu capítulo inicial um debate que restringe o campo de interpretação que poderíamos ter desse conceito. Principalmente quando afirma “o conceito “Revolução” indica uma mudança brusca, geralmente violenta (mas nem sempre), que desencadeia a derrubada de um regime e a luta pela construção de outro”.²

Vê-se nessa perspectiva uma característica positiva e outra negativa. O fator positivo é que grande parte da historiografia europeia definiu durante muito tempo as guerras de independências como “revoltas”, desqualificando completamente as mudanças da estrutura política e social que as guerras de independência provocaram.

Por outro lado, o ponto negativo é que o autor não aprofunda o caráter do conceito de *revolução* como algo que responsável pelas das transformações radical nas estruturas sociais, o que explicitaria um debate entre as perspectivas de Eric Hobsbawm e uma gama de outros historiadores envolvidos com esse conceito.³

Outro ponto observado na narrativa do autor é a descrição de um ambiente favorável para a divulgação dos ideais socialistas, que de certa forma, tornam o contexto histórico favorável às camadas populares revolucionárias.

Uma perspectiva de análise importante levantada pelo autor era de que o Imperialismo nas colônias africanas era uma maneira de impossibilitar a instauração de um Estado de orientação socialista. Por outro lado, ele também lembra que apesar da teoria marxista estar fortemente presente nas lutas de libertação, na realidade, o governo socialista ou de influência comunista raramente acontecia.

² Pg. 27.

³ HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções. 1789- 1848. São Paulo: Paz e Terra, 1997.



Um grande valor do livro de Paulo Visentini é de demonstrar as dificuldades de instituição do ideal marxista em governos voltados para uma centralização do poder e para uma postura de não alinhamento adotada por grande parte dos países africanos. Muito devido aos problemas internos (étnicos, linguísticos e religiosos) que exigiram a centralização do poder em face ao conflito ideológico da Guerra Fria.

Por se tratar de uma obra voltada ao campo das relações internacionais autor expos um contexto geográfico, uma definição geopolítica e uma relação em que o país possuía com a metrópole e os países do sistema-mundo.

Ao tomar como base o livro “As Revoluções Africanas” para uma compreensão inicial do tema, percebe-se um primeiro questionamento em relação ao porque do autor resolver reunir Angola, Moçambique e Etiópia.

Os dois primeiros são compreensíveis, já que foram colonizados por Portugal e são caracterizados no Território da África Austral, mas a Etiópia só é compreendida nesta organização quando se percebe o que o autor pretende definir por “Revoluções Africanas”.

No caso de Angola e Moçambique, o autor esclarece que o ideal marxista havia influenciado os homens das letras que pensavam um projeto político para a libertação dos respectivos países e com isso, pode-se dizer que os primeiros posicionamentos dos governantes era de formar um Estado-Nação de base marxista.⁴

Mesmo que isso tenha se perdido, como o autor explica no livro, vê-se também que através da recuperação dessa História, há uma tentativa de resgatar a influencia do socialismo no continente africano.

O primeiro indício que temos para compreender a inclusão da Etiópia no livro é perceber que esse país também teve a forte influência do marxismo no seu processo revolucionário, mas muito mais como incentivo para o início do processo de descolonização do que para a estabilização de um governo de bases socialistas ou socializantes.

A escolha destes três países parece-nos mais uma tentativa de demonstrar a investida marxista-socialista na África, do que uma análise densa dos processos de independência destes países africanos.

⁴ O autor expõe todo o jogo político dos partidos envolvidos nos conflitos das guerras de independência.



Contudo, uma atitude bastante peculiar do autor é de revelar ao leitor que os países africanos nas décadas de 60 e 70 dialogavam com uma economia mundial e tiveram representatividade nas decisões político-econômicas da Guerra Fria.

A introdução do livro sobre “As Revoluções Africanas” busca assumir uma análise mais generalizada dos processos revolucionários africanos e permite-nos perceber movimentações importantes como, por exemplo, as transições democráticas que não representaram uma ruptura completa com o sistema de dominação das potências imperialistas.

Representar o pan-africanismo como uma estrutura geopolítica que cooptava os Estados Nacionais africanos também é uma perspectiva importante de análise do autor, sobretudo, porque, esse processo é pouco abordado nas análises das ciências sociais.⁵

Abordando o nacionalismo árabe, o Pan-Africanismo e a negritude o autor expõe um “jogo político” mais amplo que definiu em grande parte os caminhos que as elites tomariam a partir da década de 1960, o chamado “ano africano”.

Explicar que para além dos países trabalhados havia uma movimentação de lideranças africanas já instituídas é outro ganho na análise promovida pelo autor. Como por exemplo, na passagem: “Mas o carisma e o prestígio de líderes africanos como Nkrumah, Sekou Touré, Julius Nyerere, Mobido Keita e mesmo de um moderado como Léopold Senghor, preocupava as metrópoles”.⁶

Partindo de uma análise bem generalizante, porém, bastante concisa, o autor caracteriza a organização dos Estados Africanos, a fragilidade perante o sistema internacional na conseqüente ameaça do neocolonialismo e também, destaca o papel da criação da Organização da Unidade Africana (OUA) como responsável por gerenciar conflitos deixados pela herança colonial das antigas metrópoles.

O professor Dr. Paulo Visentini faz uma afirmação franca e clara de que “O Estado antecedia a existência de uma nação⁷” e ela nos faz refletir bastante sobre as diversas interpretações que o cientista social pode ter da construção de um aparato político-institucional no contexto de pós-independência.

As rivalidades existentes entre os grupos étnicos, a falta de infraestrutura administrativa deixada pelo antigo colonizador, o problema da língua comum e dos

⁵ Pg. 32.

⁶ Pg. 32.

⁷ Pg. 34.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

inúmeros problemas sociais dentro dos países africanos são alguns dos problemas levantados na análise do autor.

Essa breve apresentação do continente africano nos primeiros anos de movimentação para a emancipação político-social dos países não é realizada com profundidade, entretanto, expõe alguns dos problemas que os historiadores, geógrafos, antropólogos e cientistas políticos têm encontrado na caracterização do processo de formação dos Estados Nacionais no continente africano.

O autor de “As Revoluções Africanas” define de maneira exemplar uma interessante geopolítica da África, demonstrando que muitos países estavam abertos ao mercado internacional e às decisões econômicas dos grandes blocos mundiais.

Além disso, ele expõe que as ideologias socialistas tiveram um forte papel na penetração do ideal político para as construções nacionais, sendo as revoluções os exemplos mais explícitos dessa penetração.

Outro aspecto interessante é percebermos que em algum momento Angola, Moçambique e Etiópia poderiam ter se tornado grandes centros de referência dos governos marxistas nos moldes de Cuba, se a crise do sistema socialista na U.R.S.S. não tivesse ocorrido. O autor retoma essa perspectiva nas análises que faz de cada país, explicando que a retirada do incentivo do socialismo foi fator determinante para a descontinuidade das orientações socialistas nos respectivos países.

Mantendo um sistema de análise sistematizado, o autor define o contexto histórico, as condições geográficas, as estruturas geopolíticas e relaciona os partidos políticos responsáveis pelas mudanças sociais.

Lembrando os interesses dos países do bloco socialista e os incentivos financeiros e bélicos do capitalismo, o autor expõe uma África que foi inundada de referenciais revolucionários (inclusive de guerrilha) e que pouca ameaça representou ao sistema capitalista.

O estudo do professor Visentini é extremamente contemporâneo, pois, aborda uma época em que as atividades econômicas se relacionam com as políticas, gerando conseqüentemente implicações no sistema mais amplo das relações internacionais.

Contudo, suas análises lembram os partidos e os agentes de mudança que foram as elites coloniais, resultado de um incentivo da metrópole em criar quadros coloniais para a administração.



Ainda pensando em responder a pergunta “por que a escolha da Etiópia”? Só elucidamos a questão quando percebemos que a Etiópia passou por um processo revolucionário que lembrava os “cercamentos” na Inglaterra do período pré-revolução industrial.⁸

Ou seja, o país é cooptado pelas tendências de pensamento marxista como uma alternativa para gerar uma transformação no seu processo de modernização do que uma tendência de construção de pensar-se uma nação por parte dos escritores da elite colonial (como ocorre com Angola e Moçambique).

Desse modo, percebe-se que o grande valor da análise de Paulo Visentini é demonstrar como a Etiópia traça as relações diplomáticas, aceitando o incentivo da União Soviética e de Cuba para a sua estruturação interna.

Esse é um grande valor do recorte que o autor utiliza em seu livro, e percebe-se que as análises do livro tiram a África de um isolamento e até uma invisibilidade que foi presente em algumas obras que retratam o continente africano.

Assim, pode-se inferir que uma espécie de “modernização” da Etiópia só foi possível graças às investidas soviéticas no seu território, influenciando uma revolução que se deu nos moldes das transformações das estruturas econômicas e sociais.

De alguma maneira o âmbito da Guerra Fria está bem representado pelo autor, onde as disputas políticas se definiam em função dos interesses das grandes potências nos territórios de terceiro mundo.⁹

As revoluções socialistas que o autor caracteriza como realmente “sociais” tem um valor inestimável tanto para aquele que está iniciando seus estudos, quanto para aquele que já possui um cabedal teórico sobre esse tema. E isso é de suma importância, pois situa-nos em um debate amplo que sugere outras pesquisas que aumentem nosso campo de investigação.

De mesmo modo, o autor lembra o leitor que se houve uma movimentação revolucionária socialista ainda houve um grande distanciamento da instauração de um regime socialista nos países por ele trabalhados.

Ao mesmo tempo, o autor de “As Revoluções africanas” está situando-nos brevemente os processos de modernização destes países em um espaço político-

⁸ Pg. 140.

⁹ CLAPHAM, Christopher. The Socialist Experience in Ethiopia and its Demise. The Journal of Communist Studies, n.2, v.8, 1992.



econômico que representava o início do processo que se entende contemporaneamente como globalização.

Situar o que Visentini chama de “*onda revolucionária*”¹⁰ tem um caráter mais explícito e outro um pouco mais implícito:

Claramente, o autor busca contextualizar a atuação do marxismo como ideologia e modelo de governo para os processos revolucionários que culminariam nas independências.

A questão mais implícita está nas análises que realiza afirmando que a escolha por um modelo mais social teve implicações importantes nas perspectivas de um futuro mais igualitário.

Para realmente concluir, só pode-se dizer que é impossível a leitura do texto de Visentini sem perceber que há uma ideologia marxista que o autor quer caracterizar como importante em um determinado período histórico.

E é essa tomada de consciência dos povos africanos em relação aos ideais socialistas que buscavam uma maior distribuição de riquezas e a luta por uma sociedade mais igualitária que ficaria como legado das “*revoluções africanas*”.

Nas palavras de Paulo Vissentini o balanço das revoluções foi que: *Houve considerável urbanização, extensão de serviços (especialmente com o fim da guerra) e uma inserção internacional na globalização; ou seja, os africanos estão longe de ser passivos e sem capacidade de negociar.*¹¹

Para nossa reflexão o livro traz inúmeros elementos que explicam um pouco dos processos de emancipação em África, da abertura da economia para o mundo e, sobretudo, faz-nos refletir sobre as ideologias que não morrem e devem ser lembradas em função do fracasso do capitalismo mundial na sociedade contemporânea.

¹⁰ Pg. 177.

¹¹ Pg. 181.